

Coragem

— E o que você veio fazer em Kerlz-u-een? — Perguntou o sorriso de Myrthes.

Lamar já se achava bobo demais por deixar tão claro — tão transparente — o quanto se divertira naquela noite. Tinha uma certa expressão de incredulidade que não conseguia tirar do rosto: “ela é linda”, era o que ele respondia quando se perguntava por quê — “e parecida comigo, e tão querida...”, terminava ele, numa enumeração cuidadosa que podia ir longe. Seu cabelo escuro tinha um cheiro que o amarrava, quase ruim de tão bom; ficava órfão dele toda vez que ela saía de perto. Ficava imaginando se não conseguiria um dia um lençol ou fronha dela para ter para si. Se tivesse consigo o cheiro só o que precisava fazer era fechar os olhos e desenhar seu rosto fino, longo, que acabava num queixo sem precedentes na história da humanidade, e tiraria dali a paz.

Ela era irmã de Kerinu, seu amigo mais próximo na cidade. Morava numa cabana próxima a um riacho fraco no meio da floresta. “No meio da floresta” era uma definição completamente imprecisa e aceitável somente para ele, um forasteiro inadaptado; quem era dali certamente sabia se localizar bem no meio dos galhos e folhas que podiam parecer aos outros quase completamente idênticas em todos os aspectos que genuinamente importavam. Era uma casa muito pequena, quase toda feita de madeira alaranjada e iluminada por fora por três ou quatro minérios vermelhos. Dava, contrastando com o entorno escuro, a impressão de uma aconchegante fogueira.

“Você tem que mentir, até mesmo pra minha irmã.”, disse Kerinu, fazendo Lamar prometer. “E aí fique com a sua história de quando você chegou aqui”.

— Eu vim por causa dos meus pais. E-eu quis aprender um pouco

mais sobre plantio, sobre... Agricultura. A-a nossa família vive disso e... Achei que eu podia ajudar a gente a melhorar lá, um dia, quando eu voltar.

Myrthes assentiu, passando a observar as cores das estrelas. Ela estava descalça, e vestia uma espécie de camisola grossa amarela, com uma capa rendada verde por cima dos ombros. Lamar usava ainda a bota preta em combinação com a melhor roupa que conseguira: vestes azuis, com botões dourados perto do pescoço, emprestadas de Fuj.

— Lamar, eu quero perguntar uma coisa. Você me promete contar a verdade?

Lamar engoliu em seco, o rosto apagando-se à medida que tentava disfarçar a reação.

Myrthes começou a rir.

— Calma, você ficou *tão* sério! — Lamar riu junto, olhando de esguelha para a casa. Com a porta fechada, não via muito; no máximo o coque e um cotovelo na janela, provavelmente de Moema. — Eu queria saber uma coisa sobre Kerinu, não sobre você. Bem... Sobre você também, mas principalmente sobre ele.

— Tudo bem. — Respondeu Lamar.

— Você... É um alorfo. Não é?

Lamar desviou o olhar, esforçando-se ao máximo para controlar todas as outras coisas e se manter ali, suspenso, construindo uma resposta que agradasse a todos.

— Eu prometi pro seu irmão que eu não ia contar nada. — Desmoronou ele, descobrindo que já havia decidido não mentir para Myrthes.

Assistiu a uma breve mordida de lábios, seguida de um sorriso perdido.

— Eu sabia...

— M-mas eu não sou alorfo.

— Mas eles são. — Disse ela, com um sorriso diplomático.



Lamar seguia aquele homem com facilidade em meio às árvores que, embora altíssimas, eram separadas umas das outras por espaço o bastante para que ninguém se perdesse. Aquele homem — Kerinu

ainda era um nome estranho demais para ele, que nunca tinha saído de uma cidade na qual não eram muitos os que entravam — tinha uma idade parecida, uma pele mais pálida que a dele, e longos cabelos pretos ondulados, mas totalmente encaraçados, da mesma cor dos olhos fortes.

O sol esteve particularmente incisivo naquele dia úmido de tornou-sana, mas já os abandonava; batia de lado nas árvores, enchendo de bronze os duros troncos das sequoias. Kerinu parou de repente em meio a um grupo delas e, depois de uma olhada desconfiada para os lados, deu um assobio curto e forte.

— Para quem você assobiou? — Sussurrou Lamar, depois de um tempo sem perceber reação alguma.

Kerinu olhava para ele, com um sorriso obviamente satisfeito — alguma coisa *estava* acontecendo, e Lamar sentia que *devia* ser capaz de percebê-la.

Foi quando lenta e sutil surgiu à frente dele uma plataforma de madeira sustentada por quatro grossas cordas — ou conjunto de cordas, mais precisamente — uma em cada canto da prancha retangular. Parou no chão, e depois de um momento dedicado exclusivamente à degustação da surpresa por parte do neófito, os dois subiram a bordo.

Quando começaram a subir Lamar imediatamente se apressou em agarrar uma das cordas. Kerinu, que simplesmente segurava-se — sem precisar circundar a corda com o tronco inteiro espremido entre os braços — ria às custas do convidado.

Quando chegaram, Lamar se jogou para dentro da casa — uma estrutura inteira montada entre uma série de galhos e troncos interligados diretamente na copa das árvores gigantes. Caiu no chão de qualquer jeito, e foi se arrastando até se sentir seguro o bastante para sentar. Desorientado, ficou sentado para se recuperar, tentando não olhar para o chão entre as rachaduras do falso piso de madeira.

Quando Lamar tomou consciência de onde estava e ficou de pé, cumprimentou as outras duas pessoas que olhavam para ele e lhe estendiam as mãos.

— Prazer, Lamar! — Disse um homem de rosto horizontal e olhos repuxados, lábios carnudos e um cabelo loiro volumoso.

— Tomara que não seja sempre esse trabalho para subir, hein? — Riu abertamente uma mulher morena e musculosa, com um rosto de

ossos pronunciados e protuberantes dentes da frente.

Descobriu mais tarde que eles eram Fuj e Moema. Dois alorfos; com Kerinu, eram três. Aqueles eram os primeiros alorfos que Lamar conhecia. Em Prima-u-jir tinha ouvido histórias: os pais os detestavam, dizendo que eram uns parasitas que viviam culpando os magos por não terem sucesso na vida. A opinião se difundia na família de formas diferentes, com um lado vendo neles enganadores vagabundos, e o outro enxergando mentirosos que na primeira chance apunhalariam as costas de quem quer que cruzasse seu caminho. Assim que pôde, e tendo muito mais certeza de que as lendas eram puro preconceito, perguntou o que exatamente eles faziam.

— O Kerinu falou que você já teve aula de magia quando era menor. É verdade? — Perguntou Moema, mastigando um pedaço de pão.

Lamar olhou para Kerinu antes de responder, mas ele não deu nenhum sinal.

— S-sim. O-o nome do meu mestre era Byron. Ele era um bomim. Moema concordou energicamente até terminar de engolir.

— E ele era rico?

Fez um muxoxo ao responder.

— É um dos mais ricos, eu acho.

— E ele é político?

— Sim. Um parlamentar.

Moema mexia com a mandíbula, tentando tirar sem ajuda das mãos um ou outro pedaço da casca do pão ainda presos em alguma câmara abaixo da gengiva.

— E o que foi que ele te ensinou?

Lamar não sabia se ainda lembrava exatamente como falar daquilo, mas não queria ter que fazê-lo. Sentiu a pele toda umedecer, e embora soubesse que estava suando desde que acordara, não prestava tanta atenção ao fato quanto naquele momento. Contribuía o ambiente estranho: estavam em uma casa no topo de uma árvore gigante; já anoitecia e ali, mais perto do céu, o barulho ocasional que os oniotos fazia ficava mais grave, mais forte, mais ameaçador — e numa sala escura, mais aos fundos do lugar, eles sentavam-se num círculo em volta de um minério laranja.

— Ele me falou do... Do lugar onde os magos vão.

— Neborum. — Consertou Fuj.

— É... Acho que é isso...

— E ele ensinou a fazer o quê lá?

Lamar deu de ombros.

— P-pouca coisa, eu não me lembro de quase nada.

— Mas ele disse o que você *podia* fazer? Ele te disse o que *ele* podia fazer?

— Não... Não muito bem, eu acho.

Moema olhou por um instante para Kerinu e se inclinou para a frente, olhando Lamar nos olhos de uma forma que ele não conseguia escapar. Apoiou o cotovelo na lateral do joelho e começou a falar, apontando para ele.

— Se o Kerinu trouxe você aqui é porque confia em você. Então eu e o Fuj vamos confiar também. Mas você tem que entender que isso é confiança mesmo, que isso *precisa* de confiança. Porque isso aqui não é brincadeira e esse lugar aqui é para ser usado como esconderijo, está entendendo, garotão?

— S-sim! — Disse Lamar, levantando as sobrancelhas, espelhando as da alorfa.

— Você quer ser um alorfo?

— Não! Q-quer dizer, e-eu não sei. — Apressou-se Lamar. — E-eu não sei o que vocês fazem!

Kerinu ajudou dizendo que não o trouxera ali para isso. Lamar agradecia com os olhos, mas diminuía-se encolhendo as mãos no espaço entre as batatas da perna.

— Então eu posso te dizer o que a gente faz. Mas você entendeu *mesmo* que isso aqui não é para brincar? Que eu não quero ninguém brincando com a minha vida? Porque eu posso ser mais clara, dizendo o tipo de coisa que a polícia faz com os alorfos nessa ci...

— Eu entendi!

— Entendeu que ninguém pode saber sobre a gente? Sobre esse lugar?

— E-eu cheguei há pouco tempo na cidade e eu me perco até lá no centro, e-eu não conseguiria voltar sozinho para lá daqui, eu... Eu realmente não sei nem onde eu estou, para ser sincero.

Moema lançou-lhe um sorriso de canto de boca antes de se lançar para trás, encostando-se à parede.

— Bom que você está perdido mesmo, garotão.



Lamar esperava, com os braços involuntariamente cruzados, aquele outro fazendeiro — empregado, como ele — acabar de trazer um carinho de mão com uma série de baldes. Chamava-se Kerinu — nome estranho — e há várias semanas se conheceram meio que por acaso naquela nova esperança de Lamar. Tinha sido gentil e prestativo, e dissera que tinha algo para mostrar sobre o plantio, como Lamar havia dito. Na água que enchia os baldes estavam sementes um pouco marrons, um pouco roxas; pareciam feijões em um formato mais fofo. Kerinu entregou uma na palma da mão do colega.

— É semente de quê? — Perguntou Lamar.

— De caqui. A fruta que você confundiu com tomate o outro dia.

— É... — Sorriu Lamar, que se irritava ao se perguntar se ele nunca esqueceria aquilo.

— Ela fica três dias debaixo de água, a semente, e só depois vai ser plantada. Mais delas germinam assim.

Lamar entregou a semente de volta, cruzando os braços e olhando em volta. Nas distâncias marcadas pelas hortas podia enxergar uma série de pessoas. Muitos ele ainda conhecia pelo nome, de longe, sem vínculo algum — e torcia para que nenhuma lhe atravessasse um olhar ressentido por quebrar as regras. Kerinu, mais quieto apoiando as mãos sobre uma longa enxada, observava as várias linhas retas e paralelas de terra revirada.

— Eu... Acho que tenho que ir. — Explicou-se Lamar. — Obrigado.

— Você disse que veio atrás de dicas... Estou tentando ajudar.

— E ajudou! — Apressou-se o estrangeiro. — Ajudou, é que... Eu ouvi dizer que o dono aqui não gosta que a gente fique fora da nossa... Área de contratação.

— Ele não gosta mesmo. — Concordou Kerinu. — Mas você tem que tomar cuidado com o filho dele.

— O filho? — Franziu a testa, intrigado.

— Ele é mais baixo, um pouco mais gordo... Mas tem um rosto parecido. Não sei se você já viu ele passar pela fazenda, mas ele gosta de treinar nos empregados. Se você sentir uma vontade de roubar

alguma coisa, Lamar, *não* faça nada. Controle-se e continue onde está, fazendo o que você já estava fazendo antes.

Lamar riu, constrangido.

— Eu não sou um ladrão.

— Ele pode te tornar um por um tempo.

— Por quê?

— Porque ele é um mago, Lamar.

Kerinu sentenciou o que lhe parecia natural. Lamar sabia que os magos tinham grande habilidade em lidar com as pessoas — ele mesmo, por simples aritmética, sentia-se péssimo em relação a isso e falhara na magia quando criança — mas daí a transformar pessoas honestas em ladrões?

Por dentro sentia-se balançando a cabeça em descrédito, pensando se não deveria arranjar novos amigos melhores. Afinal, tinha vindo para Kerlz-u-een à procura de um novo começo. Não seria muito positivo começá-lo com um colega que só falava de magia. Disso ele queria *distância*.



Quando Lamar desceu da charrete em frente ao endereço, virou-se para Kerinu antes que ele fechasse a porta por dentro; antes até que ele desejasse boa noite.

— Eu falei para a Myrthes que vocês eram alorfos. M-me desculpe, Kerinu, e e-ela já sabia de qualquer forma, ela disse.

— Eu sei. — Respondeu ele, ao que Lamar racionalizou que o amigo, com sono, não devia estar entendendo a conversa.

— Sabe... Do quê?

— Que você falou para ela. Depois que vocês voltaram do lado de fora ela olhava para mim como se soubesse o que eu estava pensando o tempo todo, então é *claro* que ela descobriu.

— E você não está irritado comigo?

— Não... Não muito. — Corrigiu ele. — Não o suficiente.

Kerinu pediu um instante para os amigos do lado de dentro e desceu do coche num pulo.

— Eu quero que a minha irmã se envolva o menos possível com magia, só isso.

— Por quê?

Kerinu respirou tão rápido quanto a inspiração funda permitiu.

— Foi o motivo da morte dos nossos pais. Eles também eram alorfos, a gente... Eu e a Myrthes éramos crianças quando isso aconteceu. Eu fiz ela prometer que ela nunca se envolveria com magia e que eu protegeria ela sempre. Ela já me libertou da minha parte da promessa há muito tempo, eu... Eu era muito novo. Mas eu nunca libertei ela da dela. Nem... Me libertei a mim mesmo da que eu fiz.

— Mas... — Era uma história estranha, e Lamar gostaria de fazer uma série de questões. Por que ele não desistiu da promessa se ele mesmo reconhecia que era muito jovem quando a fez? Ou por que ele se envolvia com magia, mesmo que fosse (e talvez ainda mais sendo) a alorfa, depois de ter feito a *irmã* prometer que não o faria? Mas acabou perguntando o que mais lhe interessava na hora. — Ela não quer ser maga?

— Ela diz que não. — Respondeu ele, depressa. — Se ela quisesse eu teria que deixar.

Lamar assentiu, olhando para o caminho que levava ao lugar onde tinha que dormir, mas já sabendo que sonharia com o lugar que acabara de deixar.

— Vocês se veem muito?

— O mais em segredo possível.

— Quando... — Começou Lamar, logo estancando a boca; sentiu-se subitamente mais quente ao pensar no que estava prestes a perguntar, mas sabia que não podia mais parar. Kerinu perguntaria o que ele queria dizer, e qualquer tentativa de inventar alguma pergunta nova soaria extremamente falso. — Quando v-você for visitar ela de novo, eu... Q-quando todo mundo for junto, é claro, se houver outra coisa desse tipo na casa da... Na casa da sua irmã, eu... Eu-eu posso ir junto?

Kerinu abriu um sorriso que só não foi mais largo devido ao sono, que ficava mais evidente nas bordas dos olhos; acordou-se um pouco com um soco na porta da charrete, provavelmente vindo de uma Momena louca para chegar em casa e simultaneamente preocupada com a vulnerabilidade de ficar parada tempo demais em um lugar só. Kerinu respondeu que sim já a meio caminho de entrar na charrete, e

terminou lançando ao amigo um boa noite pensado de última hora, feito de vento, de intenção implícita; de carinho que não se cobra.

Lamar não se importou. Praticamente levitava, dizendo baixinho, como se não percebesse que os yutsis levaram o amigo embora, “porque eu gostei muito dela”.



Percebeu que podia contar sua história em Kerlz-u-een a partir da roupa que usava. Cada peça lembrava um momento, desde a chegada — já que vestia um par de meias velhas, mas ainda completamente funcionais, que trouxera consigo de Prima-u-jir — até as primeiras conversas com Myrthes. A elegante capa preta, a coisa mais cara que já havia comprado em sua vida, ele comprou para aquele momento depois de Myrthes confessar que o negrume da noite, incluindo a forma como era perfurado pelas estrelas, era sua cor favorita.

Bateu à porta duas vezes, considerando três um exagero. Ou ela ouviu e já estava vindo, ou não estava em casa.

Revisou a teoria várias vezes, batendo na porta de tempos em tempos.

Logo o sol se pôs por completo, e foi só no início da parte completamente escura da noite que Myrthes chegou. Carregava um cesto alongado de poucas roupas debaixo do braço; parou e sorriu, ainda a distância da própria casa, quando viu que Lamar a esperava.

— Oi, Lamar! Se soubesse que você viria tinha me apressado um pouco, aproveitei que saí para visitar alguns amigos... Você me esperou por muito tempo?

Ele juntou as mãos à frente do peito, e deixou que uma esfregasse a outra, sem supervisão. Concentrava-se tanto em respirar direito e olhá-la nos olhos — as lições mais básicas que podia intuir — que esqueceu que precisaria *falar*.

— Você está bem? — Perguntou ela, deixando a cesta no chão.

Quando chegou mais perto, Lamar pôde sentir o cheiro dela.

— E-eu acho que te amo. — Declarou ele, quase engolindo o fim da frase.

Myrthes acendeu um sorriso quente, que iluminou mais a orla da floresta que a vermelhidão dos minérios à frente dela — mas logo desfez-se em provocação.

— Você *acha*?

Lamar riu também, confiante que aquela era só uma piada e não uma crítica; ainda assim, o sorriso foi sumindo à medida que ele pensou na resposta.

— Eu... Nunca tenho muita certeza sobre as coisas, mas... *Disso eu tenho certeza.*

Myrthes andou até ele, balançando a cabeça em feliz desaprovacão, e se jogou em seus braços com um impulso irreprimido.

— Eu também tenho.



O ritmo das batidas à porta era alucinado e ininterrupto; enquanto Myrthes tirava o minério azul de dentro do armário, Kerinu e Moema tropeçavam-se por cima de Lamar.

— Esconder, rápido, onde?

— O que houve? — Perguntou Myrthes.

— *Rápido!* — Irritou-se Kerinu.

Lamar pensou ter ouvido um barulho na rua. Empurrou os dois em direção ao quarto do filho antes de fechar a porta da casa.

— Guarda a luz e vem pro quarto! — Disse Lamar.

Myrthes guardou o minério, tirou o cabelo da frente do rosto e foi tatear o espaço da casa. Quando as mãos se pegaram no ar, reconhecendo o apoio mútuo, viraram gelo no girar de pescoços em direção à porta.

Não era uma batida desesperada, mas definitivamente mais forte; falava num só som a língua da autoridade.

Lamar podia não ser um bom aluno — e até ter desistido das aulas alorfas de todo — mas sabia ouvir e era curioso. Sabia sobre o significado das posições que seus castelos tinham em Neborum. Era importante que quem quer que estivesse do lado de fora, se fosse um mago, pudesse supor que eles tinham vindo do quarto, presumindo que eles estivessem dormindo — e não esperando por alguém na sala. Pelo menos já estavam juntos, ele e Myrthes, lado a lado.

— Polícia de Kerlz-u-eeen! — Disse a voz masculina do lado de fora, antecedendo mais batidas.

— *Vai devagar...* — Sussurrou Lamar, olhando para o vazio onde imaginava os olhos de Myrthes. — *E pega a luz...*

Pelo menos ela não chorava, ou o fazia em silêncio. Não, não chorava — ele sabia que ela encarava aquilo tudo muito melhor que ele.

Foram, cada um para o lado, fazendo um caminho de um segundo durar três ou quatro. Quando os primeiros raios de luz azul invadiram a sala e as batidas voltaram, Lamar abriu a porta. Saiu logo da frente para não ser esmagado por duas pessoas que vestiam longas e escuras capas verdes; a de trás, protegida pela sombra, mal se mexia; a primeira, impetuosa, já tirara o capuz. Soldado alto, forte, de traços bem definidos no rosto de pele marrom e olhos caídos, observou a casa demoradamente.

— Estamos à procura de dois fugitivos. — Explicou ele, não olhando para ninguém em particular. — São dois alorfos. Altamente perigosos.

Ambos indicaram que não com a cabeça, respondendo à pergunta que não veio.

— Vamos verificar a casa.

Por mais rápido que fosse, não conseguiu dar meio passo sem que Lamar já estivesse com os braços abertos à frente da porta do quarto, com Myrthes a meio caminho de chegar lá.

— P-por favor, nosso filho! — Começou Lamar — E-ele esteve muito doente e só agora conseguimos fazer ele dormir, por favor não acorde ele de novo!

O policial olhou de cima para baixo, avaliando o pequeno obstáculo que aquele homem produzia com seu corpúsculo atrevido. Nada intransponível, mas era até razoável deixá-lo em paz. Não havia sido uma estação particularmente problemática quanto a isso em Kerlz-ueen, mas nunca se sabe quando surgirá uma nova epidemia de doenças da noite — e se a criança estivesse com ela? Quais eram as chances dos alorfos conseguirem guarida com dois estranhos no meio da noite?

É claro que estava-se presumindo que *o casal* não era alorfo.

Moema, empoleirada junto a Kerinu em uma torre de seu castelo, viu o iaumo do policial deixar o castelo de origem e avançar para aquele imediatamente à frente. Estavam invisíveis em Neborum seu

castelo e o do companheiro alorfo, mas aquilo não os daria proteção se Lamar sucumbisse e deixasse o quarto ser examinado.

— É a hora.

— Calma. — Disse ele, segurando-a pela mão. — Espere.

— Não tem o que esperar, Kerinu, ele *vai falar sobre a gente!*

— Espere. — Permaneceu ele, fitando o castelo de Lamar. — Espere.

— É só o seu filho aí? — Perguntou o policial.

Lamar engoliu em seco, agarrando-se mais às laterais da porta que antes; tinha mais consciência do que nunca de que Kerinu e Moema estavam lá — podia adivinhar seus esconderijos, sentir suas respirações exaltadas, até talvez suas veias pulsarem junto com as dele. Eles estavam ali, no trampolim da consciência, no trepidar da língua, a um olhar incauto de serem denunciados como deveriam ser.

Olhou para Myrthes sem conseguir evitar a visão de prantos incontroláveis e explicações sem fim — mas certamente numerosas. São fugitivos, não heróis — são criminosos, que não eram dignos de qualquer pena, e deveriam, logicamente, ser entregues à polícia.

“Mas”, respondeu a si mesmo, “*Kerinu. Moema.*”

— Não. — “MAS...!”

Moema desvencilhou-se do pulso tenso do iaumo de Kerinu e pulou da janela do castelo, caindo devagar no chão mas logo retomando o pique em direção ao primeiro dos simétricos castelos inimigos.

— E-eu estou dormindo ali também, para cuidar dele.

— Eu quis dizer *agora*.

— Sim. — Apressou-se a responder, mandando a si mesmo calar a boca cada vez que passava pela cabeça o quanto ele ganharia como recompensa por entregar os criminosos (“NÃO SÃO criminosos!” — são, é claro, num sentido técnico. — “NÃO!”) — Só ele.

Moema parou ao se virar, suas costas batendo com força na parede externa do castelo do soldado; quando viu a porta do castelo de Lamar se abrir, evaporou-se para ressurgir no próprio castelo.

Kerinu assistia, com os pulsos no parapeito pedregulhoso da torre invisível, à marcha tranquila do iaumo do policial, que se encaminhava para o castelo do outro, mais atrás.

— Fiquem atentos. — Disse o soldado, dando meia-volta e saindo sem se preocupar em fechar a porta atrás de si.

Só uma eternidade depois os alorfos saíram do quarto, interrompendo o longo abraço no escuro de Lamar e Myrthes. Kerinu encontrou o ombro de Lamar depois de bater com a canela em um banco da sala, e o puxou para si com força.

— Obrigado, Lamar. — Disse e repetiu Kerinu, afagando os cabelos do cunhado.

— O homem *viu* o iaumo do Lamar dormindo — Disse Moema, entrando de novo no castelo de Kerinu. — fez o que ele quis, mas viu que ele não era nada e foi embora.

— Se fosse um de nós... — Concordou Kerinu, com um olhar perdido.

Por um segundo Moema tremeu, e o castelo pareceu ficar de cabeça para baixo; Kerinu piscou, o mundo se consertou, e um ou dois desconfortos depois sentiu que o castelo não estava mais invisível.

— Você trouxe o Lamar para a gente a troco de nada? — Perguntou ela.

— Não. É claro que eu queria ensinar ele. Achei que com tempo ele fosse se envolver.

— Mas ele não quis. E eu confio nele, Kerinu, acho ele legal e tudo o mais, mas é do jeito que você falou... Ele não é um de nós, você sabe.

— Achei que ele podia ser.

— Se quisesse...

— É.

— Mas também se a *gente* quisesse...

Kerinu franziu o cenho.

— Não entendi.

Moema sorriu, com o desafio brilhando no olhar.

— Imagine um professor alorfo que não fala nada sobre Neborum, mas pode explicar como a magia funciona.

— Mas ensinar magia *é* falar sobre Neborum.

— Não... Não precisa saber sobre Neborum para entender que a magia é ruim.

Kerinu refletiu sobre todas as aulas — desde as que ensinou até aquelas de que participou — e balançou a cabeça para os lados, eufórico.

— Ele não vai conseguir se defender, Moema, um alorfo não dura muito tempo assim.

— A gente ensina o básico, mas ele não precisa *passar* esse básico adiante. — Kerinu fechou os olhos, coçando a testa. — É o que a gente *quer*, mas sem os problemas, que a gente *não quer*.

— Eu não acho.

Moema deu de ombros, dando as costas para ele ao começar a andar em direção à porta do saguão.

— Que bom que você não decide tudo sozinho.

— Moema!

Kerinu correu em direção à alorfa; ela, mais rápida que ele, não estava mais ali.